

Mercado editorial e a literatura escrita em portunhol

Jorgelina TALLEI¹

Karla VIDAL²

1 Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil;
| jtallei@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-8486-0881>

2 Pipa Comunicação, Recife, Pernambuco, Brasil;
| karlagvidal@gmail.com | <https://orcid.org/0009-0007-3836-6058>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i2.3734>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo problematizar os guias e manuais de estilo e normas linguísticas utilizados pelo mercado editorial brasileiro em publicações. Buscamos refletir sobre as edições de obras literárias produzidas em línguas mistas, com ênfase nas publicações em portunhol (espanhol-português). Para tanto, consideramos os guias e manuais de estilo e normas editoriais como instrumentos linguísticos (Arnoux, 2009), sob uma perspectiva glotopolítica. Inicialmente, realizamos um mapeamento das publicações em portunhol e, posteriormente, utilizamos uma metodologia qualitativa para analisar as escolhas do mercado editorial em relação a essas obras. A fundamentação teórica deste estudo está ancorada nos trabalhos de Bagno (2001, 2002, 2003), Lagares e Bagno (2011) e Arnoux (2009).

Palavras-chave: Edição. Fronteira. Portunhol. Glotopolítica.

The publishing market and the literature written in Portuñol

Abstract: This article aims to critically examine the style guides and linguistic norms used by the Brazilian publishing market. Our objective is to reflect on the editing of literary works produced in mixed languages, with a particular focus on publications in “Portuñol” (Spanish-Portuguese). To this end, we consider style guides and editorial norms as linguistic instruments (Arnoux, 2009), approached from a glottopolitical perspective. First, we conduct a survey of publications in Portuñol, followed by a qualitative analysis of the choices made by the publishing industry regarding these works. The theoretical framework of this study is grounded in the works of Bagno (2001, 2002, 2003), Lagares and Bagno (2011), and Arnoux (2009).

Keywords: Edition. Frontier. Portuñol. Glottopolitics.

| Os instrumentos linguísticos no mercado editorial

O propósito deste artigo é refletir sobre as normativas e os manuais de estilo de cinco editoras brasileiras, entendidos como instrumentos linguísticos que determinam os critérios de suas publicações, a fim de, a partir dessas análises, pensar nas obras escritas em portunhol. A seleção das editoras — Viseu, Ás Editorial, Letra e Voz, Editora Acadêmica do Brasil e Authoria Agência Literária & Studio — foi feita com base nas informações disponibilizadas nos *sítes* dessas

editoras e em documentos *online* que apresentam os critérios para a publicação de obras.

Centramos-nos em abordar as obras literárias publicadas em português, examinando o fenômeno à luz das normativas editoriais, com base em estudos de sociolinguística e sob uma perspectiva glotopolítica. Nossa proposta de estudo surge da observação, enquanto autora e editora de livros, dos diversos preconceitos que as editoras demonstram em relação a publicações que fogem à norma-padrão, mesmo quando inseridas em um contexto literário. Posteriormente, fazemos uma reflexão sobre o fenômeno do português em obras publicadas por editoras brasileiras e os critérios estabelecidos para desafiar as normas ou normativas de publicação.

Refletir sobre os critérios de publicação a partir dos estudos da glotopolítica é um desafio, pois envolve analisar as políticas editoriais e os instrumentos linguísticos que as regulamentam. Lagares (2021, p. 53) considera que em termos da glotopolítica:

A língua passa a ser abordada como construto social e discursivo, objeto de polêmicas e cujo controle faz parte de diversas lutas de poder. Essa percepção está presente nos estudos críticos da linguística desde os anos 1980, quando as intervenções sobre as situações multilíngues da África e da Ásia tornaram evidentes as implicações da construção de línguas discretas a partir das práticas heterogêneas da população.

Entendemos que a reflexão sobre as normas que regem um processo de seleção de textos ou obras para fins de publicação, determinando qual norma linguística deve ser utilizada ou é válida para publicar, é parte de relações de diversas lutas no âmbito da língua e também dos estudos de edição. Uma perspectiva glotopolítica de análise, portanto, exige tomar partido de acordo com um ideal democrático nas lutas políticas da linguagem, e neste sentido de análises nas políticas de publicação do mercado editorial brasileiro enquanto agente regulador das normativas exigidas para publicação.

Assim, gostaríamos de iniciar nossa reflexão partindo de algumas reflexões em torno da norma. Para Luchessi (2021, p. 183),

No processo histórico de formação das grandes línguas nacionais modernas, uma determinada variedade linguística se impôs sobre um conjunto de variedades regionais e sociais, mais ou menos aparentadas. Esse processo, crucial para a formação dos modernos Estados nacionais,

deu-se por meio da normatização linguística, que codificou e impôs uma variedade de língua, definida como padrão (*standard*).

Já para Faraco (2008, p. 40), a norma designa um conjunto de fatores linguísticos que caracterizam o modo como as pessoas de uma determinada comunidade falam habitualmente. Consideramos relevante refletir sobre o sentido da normalização nas publicações, uma vez que essa regulação visa determinar o uso ou não de certos padrões linguísticos, a fim de proteger o que é considerado uma “boa publicação” ou um parâmetro de qualidade editorial. Lagares (2018, p. 174) afirma que “a padronização é uma intervenção política sobre a língua. É ela que, nas sociedades modernas, cria a língua como um objeto social reconhecível e perfeitamente delimitado, permitindo-nos identificar comunidades linguísticas diferenciadas.”

É evidente que os mercados editoriais, especialmente das grandes editoras, impõem formas de circulação das línguas determinadas pelos seus manuais de estilo, ou normas de publicação. Compreendemos, assim, as normas e os manuais de redação como instrumentos linguísticos (Auroux, 2009). Entendemos que esses instrumentos podem regular o mercado na medida em que os textos devem se adequar à norma culta. Para o linguista Auroux (1992, p. 3, tradução própria³), os instrumentos linguísticos incluem dicionários e gramáticas.

As contribuições recentes dos historiadores das ciências da linguagem conseguiram mostrar como, a longo prazo, a criação de ferramentas linguísticas (desde a escrita até as gramáticas e dicionários), ou gramatização, mudou consideravelmente a ecologia da comunicação. As grandes línguas de cultura são, de certa forma, artefatos, produtos das ferramentas em um contexto particular, aquele do monolinguismo dos Estados-nação.

Embora não considerado por Auroux, entendemos que os manuais de estilo das editoras são publicações distintas, que diferem tanto de dicionários quanto de gramáticas. No entanto, também os consideramos como instrumentos linguísticos, pois a norma de publicação intervém na escrita, no padrão e no estilo aos quais o autor ou autora deve se adequar para ter sua obra publicada e, conseqüentemente, em circulação.

3 No original: “Les apports récents des historiens des sciences du langage ont pu montrer comment, sur le long terme, la création d’outillage linguistiques (depuis l’écriture, jusqu’aux grammaires et aux dictionnaires) ou grammatisation a considérablement changé l’écologie de la communication. Les grandes langues de culture sont en quelque sorte des artefacts, des produits de l’outillage dans un contexte particulier, celui du monolinguisme des États-Nations”.

De certo modo, a normatização estabelece o uso de variantes linguísticas que não se aproximam da norma culta e, como o próprio conceito sugere, essas variantes são ajustadas às normativas. No mercado editorial, circulam guias de estilo e manuais que autores e autoras devem seguir para publicar. Com raras exceções, especialmente nas editoras independentes, a maioria das editoras adota normas que correspondem à língua padrão, ou o que Bourdieu (1977) denomina de língua legitimada. Conforme o autor (1977, p. 45), para que uma forma de expressão se estabeleça como a única legítima, é necessário que o mercado linguístico se unifique e que os diferentes dialetos de classe (sejam de classe social, religião ou etnia) sejam avaliados na prática de acordo com o critério da língua ou conforme seu uso legítimo.

A língua legítima não tem o poder de garantir sua própria perpetuação no tempo nem o de definir sua extensão no espaço. Somente esta espécie de criação continuada que se opera em meio às lutas incessantes entre as diferentes autoridades envolvidas, no seio do campo de produção especializada, na concorrência pelo monopólio da imposição do modo de expressão legítima, pode assegurar a permanência da língua legítima e de seu valor, ou seja, do reconhecimento que lhe é conferido (Bourdieu, 1977, p. 45).

Dessa forma, o mercado editorial também se torna um regulador da língua, na medida em que determina as regras de circulação e produção da língua ou das línguas. Conforme Bourdieu (1977, p. 11),

A língua dos gramáticos é um artefato que, universalmente imposto pelas instâncias de coerção linguísticas, têm uma eficácia social na medida em que funciona como norma, através da qual se exerce a dominação dos grupos. Detendo os meios para impô-la como legítima, os grupos detêm, ao mesmo tempo, o monopólio dos meios para dela se apropriarem.

| O que nos dizem as normas e as orientações das editoras

Em uma pesquisa realizada a partir do acesso às normas e orientações sobre como publicar, disponíveis nos *websites* de cinco editoras brasileiras, é possível observar menções relacionadas a questões de ordem gramatical, aspectos formais do texto ou idiomas nas etapas de análise dos originais ou de preparação do texto, ambos presentes no início do processo de publicação de um livro; ou seja, normativas reguladas a partir da circulação de uma língua legítima.

Uma pesquisa exploratória foi realizada nos buscadores Bing e Google, utilizando os termos de pesquisa “como publicar editora” e “guia como publicar editora”. É importante destacar que muitas empresas editoriais não apresentam seus requisitos editoriais em seus *websites*, mas indicam que, para que uma obra seja aceita, é necessário que ela atenda aos requisitos editoriais compartilhados mediante consulta. No quadro a seguir, analisamos os dados encontrados nos *websites* das cinco editoras. Os critérios de escolha foram: 1) a ordem dos resultados nas páginas dos buscadores e 2) apresentar as orientações publicadas abertamente para acesso livre em seus *websites*:

Quadro 1. O que dizem as orientações sobre análise dos originais e preparação dos textos para aceite e publicação

Nome da editora	Link acessado	Trecho das orientações para o autor que faz menção à gramática	Etapa do processo
Viseu	https://editoraviseu.com/como-publicar-um-livro/	“O aprimoramento do texto diz respeito a uma análise densa do estilo de escrita, gramática e adequação da linguagem para o público alvo.”	Aprimoramento de texto, capa e miolo
Às Editorial	https://aseditorial.com.br/como-publicar-o-seu-primeiro-livro-guia-passo-a-passo/	“Nessas etapas, verificam-se os erros de gramática e ortografia ou até mesmo de estilo literário. Por mais que o próprio autor seja muito cauteloso nesse sentido ao escrever sua obra, podem passar alguns erros, daí a necessidade dessa etapa.”	Preparação de texto
Letra e Voz	https://www.letraevoz.com.br/como-publicar/ e https://drive.google.com/file/d/1JwHLauJg2iqYHxSeRluc5G-Ql2bAWtib/view	“Não são aceitas, sob nenhuma hipótese, citações em quaisquer outros idiomas, à exceção de palavras em outros idiomas inseridas em citações em língua portuguesa. Da mesma forma, dispensa-se a inclusão do excerto no idioma original em nota de rodapé”	Manual de publicação
Editora Acadêmica do Brasil	https://eabeditora.com.br/como-publicar/	“A revisão identifica e sugere a correção de possíveis erros gramaticais que interferem na qualidade do conteúdo, mas preserva e garante uniformidade ao estilo da escrita.”	Revisão e normalização dos originais

<p>Authoria Agência Literária & Studio</p>	<p>https://authoria.studio/ e https://authoria.studio/wp-content/uploads/2023/07/Guia-Preparacao-de-Texto.pdf</p>	<p>“Durante essa etapa, são apontados os principais problemas linguísticos e conceituais da obra – e então é feita uma sugestão de como corrigi-los. A ideia é levantar a maior quantidade possível de problemas para que não haja alterações substanciais nas próximas etapas do processo editorial.</p> <p>A preparação, entre outras coisas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • corrige questões ortográficas e gramaticais; • se atenta para problemas de coesão e coerência; • busca fluidez textual; • sugere adaptações para melhorar a fluência e a clareza do texto; • certifica-se de que há um padrão no estilo do texto do livro todo; • revisa vícios de linguagem e repetições não propositais; • verifica trechos vagos; • aponta informações falsas ou incongruentes; etc.” 	<p>Preparação de texto</p>
--	--	---	----------------------------

Fonte: Elaboração própria. Acesso aos *websites* realizado em 11 de abril de 2024.

Como podemos observar, as cinco editoras seguem normas de estilo determinadas ou legitimadas pela língua oficial. Na etapa de avaliação da obra, será analisado o uso da língua que deverá se ajustar às normativas. Além disso, sugerem que erros gramaticais, de estilo e vícios de linguagem serão corrigidos. Assim, as normas estão reguladas por gramáticas ou dicionários. Bagno (2012, p. 21) pondera, neste sentido, sobre a norma culta, ancorada nos princípios de pensar uma língua ideal ou idealizada que seria possível na literatura, assim, todo e qualquer desvio da norma seria considerado um desvio:

[...] o que não está nas gramáticas não é norma culta: é “erro crasso”, é “língua de índio”, “português estropiado” ou, simplesmente, “não é português”. O próprio nome do idioma – português –, então, deixa de designar toda e qualquer manifestação falada e escrita da língua por parte de todo e qualquer falante nativo, e passa a designar exclusivamente

esse ideal abstrato de língua certa, essa “norma oculta” que só uns poucos iluminados conseguem apreender e dominar integralmente. Não é à toa, portanto, que tanta gente diga que “não sabe português” ou que “português é (muito) difícil”.

Quando não nos adequamos à norma padrão, a proposta de livro ou manuscrito costuma ser rejeitada pelas grandes editoras devido ao mau uso da língua ou ao uso incorreto, o que pode ser considerado um desvio da norma.

É importante pontuar que há uma diferença entre a norma culta e a norma padrão. A norma culta é o conjunto de regras gramaticais que regem as gramáticas, enquanto a norma padrão é a forma como a norma culta é registrada e codificada nos diversos instrumentos linguísticos. Nesse sentido, consideramos a norma padrão, pois é ela que regula as normativas ou guias de estilo das publicações das editoras selecionadas para nossas análises. Bagno (2012, p. 23), ao refletir sobre o conceito de norma, distingue entre a norma culta e a norma padrão:

A norma-padrão não é um modo de falar: como o próprio termo padrão implica, trata-se de um modelo de língua, um ideal a ser alcançado, um construto sociocultural que não corresponde de fato a nenhuma das muitas variedades sociolinguísticas existentes em território brasileiro. Por ser uma forma ideal, no sentido platônico do termo, a norma-padrão não pertence ao mundo dos fenômenos, mas exclusivamente ao mundo das ideias, sendo, portanto, um ser de razão. A norma culta, por sua vez, abriga um conjunto de variedades sociolinguísticas empiricamente coletáveis, expressão da atividade languageira das cidadãs e dos cidadãos de vivência urbana e elevado grau de letramento. Ela é composta do que preferimos chamar de variedades urbanas de prestígio, que comportam diferenças entre si – a fala urbana de prestígio do Recife, por exemplo, tem traços distintivos com relação à de Porto Alegre –, mas também um núcleo central bastante homogêneo.

Por esta perspectiva, nos estudos da edição e nas propostas editoriais, não seria possível publicar emportunhol, e em nenhuma outra variante ou fenômeno das línguas quando elas entram em contato, como o guaranhól⁴ ou spanglish⁵, por exemplo, pois o contato das línguas e a linguagem experimental produto do mesmo não se adequaria aos instrumentos linguísticos propostos pelas

4 De forma geral se denomina a mistura do idioma castelhano ou espanhol e guaraní. Tem uma ampla bibliografia neste sentido, especialmente nas zonas de fronteira, no Brasil com o Paraguai.

5 De forma geral se denomina a mistura do idioma castelhano ou espanhol e inglês. Há uma ampla bibliografia a esse respeito, especialmente nas zonas de fronteira, como entre o México e os Estados Unidos.

editoras como vislumbramos no quadro anterior. Como aponta Lagares (2024, p. 269), “a disputa glotopolítica pelo domínio da língua (de seus faltantes) e também a luta pelo domínio da sua diferença, pela capacidade de definir seus limites definindo o que faz parte dela e o que deve ficar de fora. E essa é uma disputa normativa”. A reflexão é relevante para nós, pois permite considerar as publicações em portunhol a partir do entendimento da norma padrão. A norma padrão que é prescrita nos manuais de estilo ou nas regras de edição, como observamos anteriormente no quadro, dita como devemos preparar uma obra para publicação. No entanto, é possível pensar em publicações a partir do contato das línguas. Assim, consideramos que as editoras independentes se apresentam como uma possibilidade de resistência para publicações neste sentido.

| As editoras independentes e as publicações em portunhol na edição de livros no Brasil

O portunhol tem ganhado força na literatura a partir dos estudos de Diegues, Douglas (2003, 2005, 2010, 2011), e é um campo de expressão artístico cultural que cresce à medida que também recebe críticas diversas, especialmente as relacionadas com os imaginários de uma língua. O escritor Douglas Diegues (*in* Teixeira, 2011, s/p, tradução própria⁶) observa o portunhol como uma língua do contrabando, que surge a partir dos marginalizados:

O portunhol tem forma definida. O portunhol selvagem não tem forma definida. O portunhol é uma mistura selvagem. O portunhol selvagem é um mix plurilíngue. O portunhol é bissexual. O portunhol selvagem é poli sexual. O portunhol é meio papai e mamãe. O portunhol selvagem é mais ou menos como um kamasutra. O portunhol é um esperanto-luso-hispano-sudaka. O portunhol selvagem é uma língua poética de vanguarda primitiva que inventei para fazer minha literatura, um deslimite verbo criador, indomável, uma antropófaga, liberdade de linguagem aberta ao mundo e pode incorporar o portunhol, o guarani, o guarañol, as 16 línguas (ou mais) das 16 culturas ancestrais vivas em território paraguaio

6 No original: “El portunhol tiene forma definida. El portunhol selvagem non tiene forma. (El portunhol es un mix bilíngue.) El portunhol selvagem es un mix plurilíngüe. [...] (El portunhol es bissexual.) El portunhol selvagem es polissexual. [...] (El portunhol es meio papaimamãe.) El portunhol selvagem es mais ou menos kama-sutra. [...] (El portunhol es um esperanto-luso-hispano-sudaka.) El portunhol selvagem es una lengua poética de vanguardia primitiva que inventei para fazer mia literatura, um deslimite verbo criador indomável, uma antropófaga liberdade de linguagem aberta ao mundo y puede incorporar el portunhol, el guaraní, el guarañol, las 16 lenguas (ou mais) de las 16 culturas ancestrales vivas em território paraguayensis y palabras del árabe, chinês, latim, alemán, spanglish, francês, coreano etc [...] Resumindo sem conclusiones precipitadas: el portunhol selvagem es free”.

e palavras do arae, chines, latim, alemão, spanglish, frances, coreano, etc. Resumindo sem conclusões precipitadas: o portunhol selvagem é livre.

De certa maneira, o autor expressa o portunhol como um movimento cultural que surge a partir das fronteiras para questionar os cânones e quebrar normas, também faz uma distinção entre o portunhol (contato das línguas espanhol e português) e o portunhol selvagem, que estaria mais ligado ao campo literário.

Embora seja difícil, observamos nos últimos anos uma maior abertura para que um livro escrito em portunhol possa seguir no fluxo editorial até sua publicação. É importante, para nossa análise, então destacar o que consideramos o primeiro livro publicado em portunhol: *Mar Paraguai*, do escritor paranaense Wilson Bueno, publicado em 1992 pela editora Iluminuras de São Paulo. Néstor Perlongher (2021, p. 7) nos aproxima do portunhol e do caráter inovador da obra ao afirmar no prólogo que “o acontecimento passa pela invenção de uma língua”. Perlongher (2000, p. 7) também reflete sobre o portunhol já no outono do ano 2000: “[...] marginalidade quanto ao *status* acadêmico [...] e também quanto aos seus usuários [...]”

No entanto, a invenção de uma língua como a define Perlongher fica à margem da academia, e dos cânones literários. Sobre a editora, ela se define em sua página na *web*:

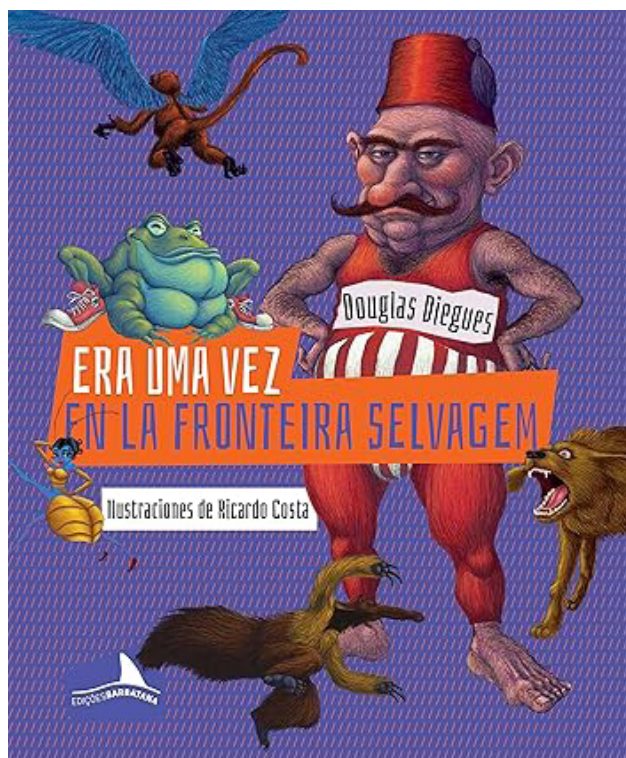
Em novembro de 1987 iniciamos nossa editora com a publicação de dois livros: *O matrimônio do céu e do inferno*, na primorosa tradução de José Antônio Arantes, e o romance *Respiração Artificial*, do argentino Ricardo Piglia, escritor então desconhecido no Brasil, atualmente uma referência literária no plano nacional e internacional. Com esses dois livros, seguidos de *A cruzada das crianças*, de Marcel Schwob, e *Contos cruéis*, de Villiers de L'Isle-Adam, que tomou consistência nossa vocação essencialmente literária. Hoje o nosso catálogo foi acrescido de títulos e autores de renome em diversas áreas: literatura, filosofia, cinema, história, comunicação, semiótica, psicanálise, antropologia, educação, etc.⁷

Embora a editora não disponha de muitas informações em sua página *web*, ela dá indícios sobre sua política editorial na medida em que se apresenta nomeando os primeiros livros que foram publicados pelo selo editorial, sendo um deles de um autor muito conhecido e outro autor (estrangeiro) de pouca circulação, até então, no mercado editorial brasileiro. A última edição do livro foi organizada por Douglas Diegues e Adalberto Müller.

⁷ Informação: <https://www.iluminuras.com.br/sobre-nos>. Acesso em: 22 abr. 2024

Diegues, inclusive, publicou um livro infantil e juvenil em portunhol publicado pela Edições Barbatana⁸. O livro chama-se *Era uma vez en la fronteira selvagem*, fazendo referência ao próprio portunhol selvagem que o autor costuma registrar nas suas obras; o título já faz a proposta de misturar as línguas (espanhol e português).

Figura 1. Capa do livro *Era uma vez en la fronteira selvagem*, do autor Douglas Diegues, editora Barbatana



Fonte: <https://a.co/d/8TxhnUW>

Sobre a editora, ela se apresenta como:

Os livros da Barbatana seguem duas linhas que se comunicam com liberdade — a pesquisa editorial e a experimentação gráfica — e trazem de tudo um pouco: textos de ficção e de não ficção para crianças e para adultos, tanto de autores e ilustradores conhecidos, como de jovens artistas até então inéditos ou pouco publicados. A revelação de talentos está, ao lado do garimpo de clássicos e da experimentação editorial e gráfica, na base de nossa locomoção.

⁸ Informações: <https://www.edicoesbarbatana.com.br/sobre-nos-pg-4be8c>. Acesso em: 22 abr. 2024.

A linha editorial já destaca que tem como princípio a experimentação editorial e, portanto, projetos como a escrita literária em português fazem sentido no catálogo da editora.

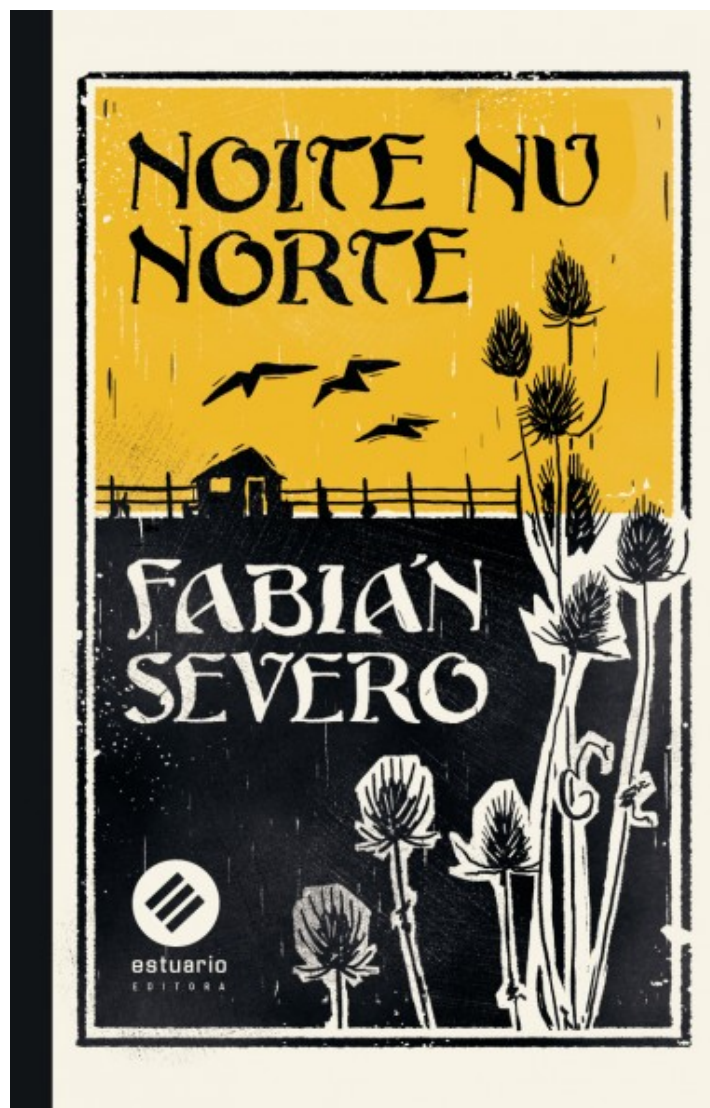
Fabián Severo, escritor uruguaio, e também um dos escritores, hoje, mais influentes na literatura publicada em português, publicou seu livro de poemas escritos em português: *Noite nu Norte* pela editora Estuario. A editora Estuario se apresenta como:

Acervo editorial de autores imprescindíveis, chaves para entender a situação atual da literatura uruguaia. Estuario Editora e HUM são dois selos editoriais de narrativa, poesia, ensaio, teatro e romance gráfico que reúnem grande parte da melhor literatura uruguaia contemporânea (tradução própria)⁹.

Um acervo editorial que tem a proposta principal de publicar autores imprescindíveis para compreender a situação da literatura uruguaia. O segundo livro de Fabián Severo está publicado pela Rumbo Editorial que se define como: *somos una editorial independiente orientada a promocionar nuevas voces de la literatura uruguaya*. Uma editora independente que tem o mesmo objetivo que a apresentada anteriormente, promover as vozes da literatura uruguaia.

⁹ No original: “Fondo editorial de autores ineludibles, clave para comprender la actual situación de la literatura uruguaya. Estuario editora y HUM son dos sellos editoriales de narrativa, poesía, ensayo, teatro y novela gráfica, que reúnen gran parte de la mejor literatura uruguaya contemporánea. Informaciones: <https://www.ideasmas.com/casa-editorial-hum-estuario-editora/>”. Acesso em: 22 abr. 2024.

Figura 2. Capa do livro *Noite nu Norte*, do autor Fabián Severo, editora Estuario



Fonte: <https://estuarioeditora.com/libros/noite-nu-norte/>

A editora mineira Impressões de Minas, localizada em Belo Horizonte, publicou recentemente, em 2021, a obra *La Chica Zombie*, da autora Gabriela Albuquerque. A escritora, natural de Belo Horizonte, viveu por um tempo em Buenos Aires, o que reflete em sua literatura, trazendo uma intersecção entre as duas cidades e também entre as duas línguas.

Figura 3. Capa do livro *La chica zombie*, da autora Gabriela Albuquerque, editora Impressões de Minas



Fonte: <https://impressoesdeminas.com.br/produto/lachicazombie/>

A editora Impressões de Minas¹⁰ se define como:

A Impressões de Minas promove a publicação de novos autores e de diversos gêneros textuais, para adultos e crianças. A editora possui dois selos: o Leme, desenvolvido em parceria com o ateliê de escrita criativa Estratégias Narrativas, direcionado à publicação de poesia e prosa; e o Jubarte, dedicado à publicação de livros infantojuvenis.

É interessante observar que a editora faz menção a “diversos gêneros textuais,” mostrando-se aberta a publicações que se desviem da norma padrão e desafiem os instrumentos linguísticos.

¹⁰ Informações no *site*: <https://impressoesdeminas.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

Há pouco tempo foi lançado um livro infantil que já na capa enuncia: *Esta obra está escrita em portunhol. A língua de todos e a língua de cada um*, escrito pelas autoras Jorgelina Tallei e Renata Alves de Oliveira e ilustrado por Laura Zanon Irineu, conta a história de uma menina imigrante. Durante a narrativa, a obra vai apresentando como uma menina se sente excluída ao chegar em uma escola onde as demais crianças falam outra língua. Seus pensamentos são transmitidos em portunhol, exaltando sua maneira de se comunicar, que mistura português e espanhol, mas que, por ser diferente do padrão, foi fazendo com que ela preferisse permanecer em silêncio.

Figura 3. Capa do livro *A língua de todos e a língua de cada um*, Pipa Comunicação Editorial



Fonte: <https://www.pipacomunica.com.br/livrariadapipa/produto/a-lingua-de-todos/>

A língua de todos e a língua de cada um foi lançado em 2021 e foi a primeira obra infantil publicada pela Pipa Comunicação Editorial, editora independente que busca estimular a publicação do primeiro livro para dar voz e impulsionar as obras de novos autores. A publicação da obra só foi possível graças ao

aceite da editora em publicar um projeto que não segue a norma padrão, mas representa a realidade da personagem, que mistura dois idiomas: espanhol e português. As autoras também definem o portunhol no início da história:

O portunhol é uma língua de contato. Isto acontece quando duas línguas se unem: o português e o espanhol. As duas línguas em contato formam o portunhol. Os habitantes da fronteira (entre países) trocam e brincam com as palavras de uma língua e de outra (Tallej; Alves de Oliveira, 2021, p. 3).

O gesto, de certa forma fundacional, da editora ao colocar em circulação literatura em portunhol — e marcar esse movimento na capa de um livro para crianças — uma temática para muitos desconhecida, reflete a ousadia de publicações de editoras independentes que rompem com os paradigmas estabelecidos pelas normas e normatividades.

Além disso, em um mundo cada vez mais tecnológico, podemos encontrar outros tipos de barreiras a serem superadas como os sistemas automatizados de revisão e cadastro de obras que podem não lidar bem com uma obra escrita a partir da mistura de dois idiomas. Geralmente os sistemas são configurados dentro da norma padrão de uma língua ou de outra, o que não abre espaço para a flexibilidade que um texto escrito com expressões em dois idiomas demanda. Uma outra barreira está diretamente ligada ao processo de edição e ao fluxo de trabalho das editoras, que geralmente envolve profissionais diferentes, formados a partir do que determina a norma padrão. São formações pautadas por publicações que também seguiram os mesmos manuais de estilo e guias de revisão que discutimos anteriormente. Como dialogar com um editor, um *designer* ou um revisor indicando que é possível publicar a frase *Eu não podia falar a minha lengua?*¹¹ Provavelmente os próprios *softwares* de edição, configurados em português, irão marcar a palavra *lengua* como erro. Caso estejam configurados para o espanhol, marcarão todo o resto da frase como algo a ser ajustado. Podemos resumir alguns desafios e barreiras a serem enfrentados no seguinte quadro:

11 Início da obra infantil: *A língua de todos e a língua de cada um*, Pipa Comunicação, Recife, 2021.

Quadro 2. Desafios que podem ser enfrentados por uma obra até a sua publicação quando apresenta texto que desafia a norma padrão de uma língua

1	2	3	4
A discussão sobre preconceito linguístico pode ser insuficiente ou superficial, negligenciando a necessária reflexão sobre suas implicações.	Baixo interesse das grandes editoras em obras que podem ser vistas como “erradas”.	Sistemas e <i>softwares</i> de edição e revisão não lidam bem com uma obra escrita a partir da mistura de dois idiomas ou com neologismos.	Falta de entendimento sobre diversidade linguística no processo de edição e no fluxo de trabalho das editoras.

Fonte: Elaboração própria (2024)

Não obstante as publicações em portunhol não sigam o determinado por um instrumento linguístico e não sejam sujeitas a cumprir a norma padrão, existem algumas obras publicadas em portunhol por editoras independentes, como, por exemplo, editoras cartoneras¹². A exemplo, quase toda a obra de Diegues foi publicada por editoras cartoneras e o próprio Diegues fundou uma editora cartonera, a *Yiyi Yambo*, na qual experimentou diversas formas de linguagem e edição, entre elas o portunhol.

Nesse cenário, é fundamental desenvolver condições de diálogo entre autores e editores para garantir que a diversidade exposta no texto que ilustra a mistura das línguas de uma região não seja interpretada como um possível erro.

| O portunhol desvio da norma?

Ette (2019, p. 30) afirma que não podemos compreender as literaturas de forma isolada:

As literaturas de língua inglesa ou francesa não podem ser compreendidas como campos literários isolados entre si, tampouco as da língua portuguesa ou espanhola, uma vez que uma intertextualidade mundial forma o centro ativo, tanto da literatura universal em seu devir histórico quanto das atuais literaturas do mundo.

¹² As editoras cartoneras surgiram em Buenos Aires, em 2003, no meio de uma crise econômica e política. É uma alternativa que se opõe às tendências das grandes editoras e às políticas editoriais do mercado. As editoras cartoneras utilizam papelão reciclado para publicar e tem como objetivo estar à margem, desafiar as normas e subverter a ordem de autoria, escritura e edição.

A literatura escrita em português é intertextual e está situada em um contexto territorial, nas fronteiras. Nos alinhamos ao entender que é possível pensar o uso do português na literatura como recurso estilístico além da norma e de forma subversiva, inclusiva, ao desafiar os guias de estilo. A demanda por um entendimento mais abrangente sobre a diversidade e o preconceito linguístico pode se tornar desafiadora, especialmente quando observamos uma possível ausência de tal discussão no percurso formativo dos profissionais envolvidos no quadro de trabalho de uma editora. Esta lacuna educacional, que abrange desde a educação básica até o ensino superior, pode influenciar significativamente os processos de tomada de decisão e edição de obras literárias, como é o caso de um livro redigido em português.

Em torno da temática também se faz evidente um certo preconceito linguístico, conceituado pelo linguista Marcos Bagno, quando aborda a discriminação e desvalorização de certas variedades linguísticas em favor de outras, perpetuando uma visão hierárquica e excludente da linguagem. Bagno (2007, p. 44-45), ao abordar essa questão em sua obra *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, pondera:

Na pronúncia normal do Sudeste, a consoante que escrevemos T é pronunciada [tʃ] (como em tcheco) toda vez que é seguida de um [i]. Esse fenômeno fonético se chama palatalização. Por causa dele, nós, sudestinos, pronunciamos [tʃitʃia] a palavra escrita TITIA. E todo mundo acha isso perfeitamente normal, ninguém tem vontade de rir quando um carioca, mineiro ou capixaba fala assim. Quando, porém, um falante do Sudeste ouve um falante da zona rural nordestina pronunciar a palavra escrita OITO como [oytʃu], ele acha isso “muito engraçado”, “ridículo” ou “errado”. Ora, do ponto de vista meramente linguístico, o fenômeno é o mesmo — palatalização —, só que o elemento provocador dessa palatalização, o [y], está antes do [t] e não depois dele. Então, se o fenômeno é o mesmo, por que na boca de um ele é “normal” e na boca de outro ele é “engraçado”, “feio” ou “errado”? Porque o que está em jogo aqui não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive. Se o Nordeste é “atrasado”, “pobre”, “subdesenvolvido” ou (na melhor das hipóteses) “pitoresco”, então, “naturalmente”, as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também devem ser consideradas assim.

Essa discriminação não se limita apenas à diversidade de sotaques e dialetos, mas também abrange a diferença entre a língua oral e a língua escrita. Luiz Antônio Marcuschi, na entrevista intitulada *Fala e Escrita*, concedida ao Centro de

Estudos em Educação e Linguagem (CEEL/UFPE) como parte do projeto Rede de Formação Continuada de Professores desenvolvido em parceria com o Ministério da Educação, evidencia como a oralidade é muitas vezes marginalizada em relação à escrita, perpetuando estigmas e preconceitos linguísticos. O discurso oral, caracterizado pela fluidez, expressão individual e riqueza de gestos e entonação, frequentemente é desvalorizado em comparação com a formalidade e rigidez da linguagem escrita. Marcuschi (2005) destaca o contrassenso que existe nesse tipo de entendimento tendo em vista a prevalência da oralidade em nossa comunicação cotidiana, o que contrasta com a ênfase e até uma posição superior dada à escrita como um indicador de educação e *status* social. Para o linguista, essa percepção distorcida é refletida na sociedade, onde aqueles que não dominam a norma padrão da escrita são frequentemente tratados como se estivessem em um segundo plano.

A oralidade, como observa Marcuschi, é uma parte fundamental de nossa interação diária, refletindo nossa identidade e cultura de maneiras profundas e complexas. Negligenciar sua importância é ignorar a riqueza e diversidade da linguagem humana. O entendimento de que existe uma superioridade da norma gramatical e da linguagem escrita contribui para a exclusão de vozes importantes e a perpetuação de desigualdades que muitas vezes podem ir além do cenário linguístico. A visão de que há apenas uma forma de falar ou de escrever cria barreiras para aqueles que não se encaixam nesse padrão, limitando sua participação e contribuição para o desenvolvimento da língua.

Embora o portunhol não seja considerado uma língua, é uma forma legítima de expressão literária a partir da vivência ou de experiências, especialmente no cruzamento do cotidiano das fronteiras. Entendemos que o portunhol pode ser pensado a partir da compreensão dele como uma linguagem, em seu sentido amplo, resultante do contato entre o português e o espanhol, tanto na oralidade quanto na escrita. Ele reflete uma *performance* de identidade dos sujeitos que se expressam por meio da mistura dessas línguas e, portanto, não deve ser considerado como um desvio da norma.

| Breves considerações

Pensar em termos glotopolíticos requer assumir um posicionamento em relação a conceitos e práticas da língua(gem). Assim, demonstramos ao longo deste artigo nossa posição em relação à publicação de livros em portunhol, entendendo o portunhol como linguagem resultante do contato entre o espanhol e o português e, portanto, representativo do repertório linguístico de falantes, especialmente nas zonas de fronteira, tanto na oralidade quanto na escrita. As

obras literárias escritas em portunhol vão além da norma, representando uma linguagem que, do ponto de vista performativo e estilístico, não se enquadra em guias de estilo ou normativas editoriais. Desta forma, as publicações em portunhol desafiam o mercado editorial uma vez que se posicionam à margem.

Talvez seja possível pensar em edições fronteiriças onde a mistura de línguas e o contato das diversas variantes sejam consideradas como um “*continuum da linguagem*”, produto do contato entre línguas e das diversas experiências do cotidiano fronteiriço. Para isso, as editoras precisam entender os contextos sociais onde a obra se insere. Várias editoras independentes cartoneras que publicam livros em portunhol há muito tempo, servem como exemplo. Editoras como as que mencionamos ao longo deste artigo também se arriscam com coragem ao desafiar as normas e guias de estilo. A editora Iluminuras, de São Paulo, na reedição da obra de *Mar Paraguai* no ano de 2022, destacou a relevância do portunhol na literatura.

Também, refletimos sobre as normativas editoriais e guias de estilo, e a possibilidade de um olhar que se desvie da norma ao tratar de literaturas territorializadas, ou seja, no próprio território da fronteira. Seria importante que as editoras considerassem o portunhol como uma literatura de fronteira e, portanto, pensar em edições de fronteira que desafiem as normatividades e os padrões exigidos pelos instrumentos linguísticos e proponham a possibilidade do desvio das normas como uma marca das fronteiras .

| Referências

ALBUQUERQUE, R. **La chica Zombie**. Impressões de Minas, Belo Horizonte, 2021.

AUROUX, S. Instrumentos lingüísticos y políticas lingüísticas: la construcción del francés. **Revista Argentina de historiografía lingüística**, 1-2, p. 137-149, 2009.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

BAGNO, M. Norma linguística, hibridismo e tradução. **Revista Traduzires**, n. 1, maio 2012.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAGNO, M. **A norma oculta**. São Paulo: Parábola, 2003.

BOURDIEU, P. A economia das trocas linguísticas. Tradução Paula Montero. L'économie des échanges linguistiques. **Langue Française**, 34, maio 1977.

BUENO, W. **Mar paraguaio**. 2. ed. São Paulo, Iluminuras, 2021.

DIEGUES, D. **Da gosto andar desnudo por estas selvas**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2003.

DIEGUES, D. Nueva língua? **Portunhol Selvagem**. Blog: https://portunholselvagem.blogspot.com/2009_08_01_archive.html. Acesso em: 19 ago. 2024.

DIEGUES, D. **El portunhol y el portunhol selvagem**. Blog: https://portunholselvagem.blogspot.com/2009_08_01_archive.html. Acesso em: 19 ago. 2024.

DIEGUES, D. **Era uma vez en la fronteira selvagem**. São Paulo, Barbatana, 2019.

DIEGUES, D. *et al.* Karta-Manifesto-del-Amor-Amor-en-Portunhol-Selvagem. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 ago. 2008. Disponível em: <https://portunholselvagem.blogspot.com/2008/08/karta-manifesto-del-amor-amor-en.html>. Acesso em: 29 maio 2024.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Objetiva, 2009.

ETTE, O. As literaturas do mundo: condições transculturais e desafios poliglóticos de um conceito prospectivo. *In*: LISBOA DE MELLO, A. M.; ANDRADE, A. **Translingüismo e poéticas do contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

FARACO, C. A. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARIAS, M. C. S. de; ROCHA, E. G. L. Ensinações rosianas: autoria, criatividade e subversão. *In*: BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; NERY MONÇÃO, N. B. (org.). **Contribuições da juventude para a prática acadêmica**: relatos de pesquisa e ações extensionistas. Recife: Pipa Comunicação, 2024. p. 228-229.

GUIMARÃES SAVEDRA, M. M.; PEREIRA SILVA DE ALMEIDA, T. C.; LAGARES, X. C. (org.). **Glotopolítica e práticas de linguagem**. Niterói: EDUFF, 2021.

LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (org.). Tradução Marcos Bagno. **Política da Norma e Conflitos Linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011.

LAGARES, X. C. Portuñol: política e ideologias linguísticas. *In*: OLMO, F. C. del; LAGARES, X. C. (org.). **Portuñol: qué es? como se faz?** São Paulo: Parábola, 2024.

LUCCHESI, D. Língua, norma, nação e ideologia. *In*: GUIMARÃES SAVEDRA, M. M; DE ALMEIDA SILVA PEREIRA, T. C; LAGARES, X. C. (org.). **Glotopolítica e práticas de linguagem**. Niterói: EDUFF, 2021, pp. 183-198

PERLONGHER, N. El portuñol en la poesía. **Revista Tsé Tsé**, Buenos Aires, p. 7-8, otoño, 2000.

PERLONGHER, N. Prólogo. **Mar paraguaio**. São Paulo: Iluminuras, 2021.

SEVERO, F. **Noite nu norte**. Montevideo: Ediciones Rumbo, 2011

TALLEI, J.; ALVES DE OLIVEIRA, R. **A língua de todos e a língua de cada um**. Recife: Pipa Comunicação, 2022.

TEIXEIRA, R. **(Tríplices) Fronteiras Literárias**. Campo Grande, 2011. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/triplices-fronteirasliterarias>. Acesso em: 24 maio 2024.

Como citar este trabalho:

TALLEI, Jorgelina; VIDAL, Karla. Mercado editorial e a literatura escrita em portunhol. **Revista do GEL**, v. 21, n. 2, p. 280-301, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 29/05/2024 | Aceito em: 20/08/2024.